



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



# 50

*Discurso na solenidade  
Programa Navega Brasil*

**ANGRA DOS REIS, RJ, 6 DE NOVEMBRO DE 2000**

*Minha cara Governadora em exercício do Rio de Janeiro; Senhores Ministros de Estado; Parlamentares; Oficiais-Generais; Presidente do BNDES; Prefeito de Angra dos Reis; Presidente da Petrobras; Líderes Sindicais; Engenheiros; Oficiais; Senhoras e Senhores,*

Há dias que compensam os sacrifícios que se fazem durante muito tempo, para ver se é possível avançar em alguns setores.

Ninguém pode imaginar, a não ser os que estão diretamente envolvidos em fazer mudanças no Brasil, como é difícil. Mas há dias que, realmente, são compensadores. Hoje é um dia desses. Primeiro, compensador porque eu estava aqui perto e passei três magníficos dias nestas paragens, aqui em Angra dos Reis, Itaguaí e Itacuruçá.

Mas compensador, realmente, porque estou vendo que, finalmente, aquilo que há tantos anos foi objeto de discussão, foi objeto de vontade que acontecesse, e que não acontecia, começa a acontecer.

Há algum tempo, escrevi um livro junto com o ex-Primeiro-Ministro e ex-Presidente de Portugal, Mário Soares. Chama-se: *O Mundo em Português*, uma conversa entre nós dois, que nós gravamos, uma

longa conversa. E isso foi no fim do meu primeiro mandato como Presidente. E o Presidente Mário Soares – que é um homem como todos nós, brasileiros, sabemos, de vastos conhecimentos sobre o Brasil, sobre Portugal, sobre o mundo, foi Presidente eleito, reeleito, Primeiro-Ministro, lutou na Revolução dos Cravos, enfim, é um homem extraordinário – ele me perguntou com certa ponta de ceticismo: “Mas, e você, com essa questão dereeleição, você acha que para alguém que é Presidente – como ele tinha sido – o fato de ser reconduzido é o que se almeja?” Eu digo: “Não. Seria muito pouco, alguém que desejasse apenas ser reconduzido”. Meu Deus! Isso seria uma, talvez, uma busca de uma gratificação pessoal não cabida. E ele perguntou: “E o que você gostaria de deixar marcado?” “Olha, uma só coisa. Eu não sei o que vai dar certo e o que não vai dar certo, mas gostaria que, terminado o meu segundo mandato, eu tivesse mudado o Brasil. De maneira tal que essas mudanças fossem irreversíveis”. E é para isso que eu trabalho, e é para isso que todos nós trabalhamos. E um dia como hoje mostra que nós estamos mudando o Brasil. E nos faz crer que essa mudança é irreversível.

O que é mudar o Brasil nesse sentido e por que me alegra tanto estar aqui, hoje? Primeiro é renovar a confiança no País, isso é fundamental. É acreditar que nós teremos, que nós temos a competência, a capacidade e a coragem para nos atualizarmos e para definirmos o interesse do povo brasileiro e do nosso país, de acordo com as circunstâncias contemporâneas.

Recentemente, fui à Espanha, há coisa de duas semanas. Lá, me deram um prêmio, para eles muito importante e para mim também, que se dá a cada ano. E eu me recordava da primeira vez que eu estive na Espanha – coisa de quarenta anos. Eu conheci a Espanha pobre, como conheci Portugal paupérrimo. Vivi na França pobre, vi uma Inglaterra ainda empobrecida. Em duas gerações, um país como a Espanha mudou. Hoje, a Espanha é um país que tem uma renda *per capita* – não sei – de 15, 20 mil dólares. É um país que tem capacidade de exportação, tem nível de educação, tem assistência social, tem na verdade desemprego muito elevado, mas tem mecanismos de participação dos sindi-

catos, onde existe liberdade, onde há renovação periódica através das eleições, é um país que se fez e se integrou à Europa.

Ora, se a Espanha – e eu me refiro à Espanha porque venho de lá, mas isso vale para outros países – foi capaz dessa proeza, por que nós não seríamos capazes? Por que haveríamos de estar sempre presos à mentalidade colonial, que é a que nos faz sempre nos sentirmos inferiores e sempre dominados, ainda quando não somos? Sempre como se fôssemos joguetes de fontes internacionais, ainda quando nós não precisamos mais ser? Por que não nos afirmarmos nas regras do mundo, mas defendendo o que é nosso, o nosso interesse. No modo como, hoje, os interesses têm que ser defendidos. É o que nós estamos fazendo.

E para fazer isso que o Ministro Eliseu Padilha acabou de descrever com entusiasmo, essas transformações que são difíceis de ser feitas, é preciso mudar primeiro a cabeça, a mentalidade. É preciso enxergar mais longe e ter coragem. Não temer aqueles que estão amarrados ao passado e que pensam que o futuro será pior do que o passado. E que ficam o tempo todo julgando o que se faz com o olhar no retrovisor. No passado, muita coisa que tinha que ser feita o foi feita de uma maneira que hoje não pode mais. E valeu fazer. Mas hoje nós temos que pensar daqui para a frente como avançar.

Tomamos o nosso caso aqui, na indústria naval. Tivemos uma boa indústria naval, a segunda do mundo, disse o Ministro. Eu tinha lido qualquer coisa a esse respeito. Pode ter sido. Mas jogamos fora muita coisa. Houve desperdício, houve corrupção, houve incompetência. Está registrado nos anais do Congresso Nacional, nas CPIs que ocorreram, o que aconteceu com o Fundo da Marinha Mercante. Foi incapacidade, foi corrupção, foi incompetência. Isso que não pode acontecer. Hoje, as chances que se abrem são em outro sentido. Não pode haver corrupção, não pode haver incompetência, não pode haver complacência com o erro. E nós temos possibilidades de avançar nessas novas condições.

O Presidente da Petrobras disse aqui que a empresa não aceita um produto que não seja de padrão internacional. Nem pode. Porque se ela aceitar, vai perder a competitividade, e o Brasil todo

vai perder. Então nós vamos ter que ser rigorosos na exigência da qualidade. E podemos ser rigorosos, porque temos trabalhadores competentes, temos engenheiros competentes. Espero que tenhamos empresários competentes.

E nós temos que ter essa visão, que é um novo momento da História do Brasil, e que nós, para sermos fiéis à nossa História, aos nossos objetivos nacionais, ao interesse do nosso povo, à possibilidade de aumentar emprego, de melhorar a renda, nós temos que ter essa capacidade decidida de fazer o melhor. Não é só fazer, é fazer o melhor. As condições estão dadas para essa retomada, no caso da indústria naval.

E isso é importante, pelo que já disse o Ministro Padilha. Tem uma importância central pela evasão de divisas que ocorre quando não se tem capacidade de ter um enfrentamento nacional, pela transferência através da conta de serviços de bilhões – não são milhões, são bilhões de dólares – que são pagos, quando nós poderíamos participar mais ativamente num desses pedaços. Mas não se faz isso por um decreto presidencial. Se fosse assim, meu Deus, todos os presidentes antes de mim já teriam feito. E eu, então, nem se fala. Não nasci ontem.

Mas não é assim, não basta a vontade de um governo. É preciso uma convergência. E esse é o segundo ponto importante. Um país como o nosso, para avançar – e vai avançar – precisa ter um voto de confiança nele mesmo, ter auto-estima e buscar convergência.

Gostei de ver o Presidente da Petrobras dizendo que discutiu duramente com o sindicato. E, certamente, o sindicato foi mais duro ainda. É assim tem que ser. Mas tem-se que buscar um objetivo, tem-se que chegar a uma convergência. E essa mesma convergência haverá de ser buscada entre o setor empresarial e o Estado. E o Estado tem que ter noção do interesse geral. E país que se preza tem Estado. Tem Estado que é ativo naquilo que ele tem que ser ativo. E não tem que ser um país que substitui o Estado pelo mercado, que isto é uma ilusão, que nunca teve apoio da minha parte.

Só aqueles que não me conhecem ou não conhecem o que nós estamos fazendo é que – ou por maldade, ou por malícia – dizem que nós estamos acreditando só no mercado. Não. Mas hoje o mercado

existe, e existe com mais força que no passado, o que faz com que o Estado seja ainda mais competente do que foi no passado para poder defender o interesse nacional, e para poder permitir que as coisas avancem num caminho adequado. É o que nós estamos fazendo, e quando me referi à irreversibilidade, ao Presidente Mário Soares, é exatamente reformar o Estado para que o Estado possa estar à altura dos desafios do futuro.

E para que esse Estado não seja simplesmente um Estado clientelista, um Estado corporativista, um Estado da incompetência que, no dia de hoje, dá a alguns, no dia de amanhã arruina a todos, tem que ser um Estado capaz de ter visão. Visão de país, visão de futuro, visão do mundo, visão do que acontece na economia globalizada, porque essa economia globalizada, se nós não tivermos, nós próprios, capacidade de atuarmos, ela realmente nos exclui. Mas não necessariamente nos excluirá. Vai depender da nossa ação. E no caso brasileiro nós temos tido essa ação.

Hoje, os jornais dizem, pela boca do Presidente da Abdib, que é a Associação Brasileira da Infra-estrutura e Indústrias de Base, que nunca se investiu tanto em infra-estrutura quanto neste ano de 2000. Já tinha havido um crescimento muito grande no ano passado. E que se espera um crescimento maior ainda no ano 2001. E infra-estrutura significa, também, bens de capital. E a demanda aumentou fortemente em números realmente impressionantes, porque nós fomos capazes de abrir caminhos novos para o petróleo, para a indústria de telecomunicações, para a indústria de energia, para a indústria de transportes. É isso que está levando o Brasil a mudar. Há um motor novo no Brasil. E esse motor se traduz, hoje, em investimentos crescentes que geram empregos.

E esse é um ponto fundamental, como já foi mencionado pelo Ministro Eliseu Padilha. E certamente o Ministro Francisco Dornelles, que é tão entusiasta quanto o Ministro Padilha, ao fazer a análise dos livros, prometeria, o que eu não farei, que no fim do ano nós vamos nos aproximar mais dos 6% de taxa de desemprego.

Mas, de qualquer maneira, este é um Brasil novo que está sendo construído por todos nós. E quando digo por todos nós, não me

refiro a mim e ao meu Governo, é a todos nós mesmo, porque não se pode construir uma nação a partir de uma visão sectária. Tem que se entender que tem de haver essa convergência, está havendo essa convergência no Brasil.

É por todas essas razões que acredito que há um renascimento da indústria naval aqui. Mas não queria terminar minhas palavras simplesmente reiterando, como acabo de fazê-lo, a minha confiança no Brasil, no futuro e nas transformações que nós estamos introduzindo no nosso país para o bem do País, sem fazer uma menção muito especial ao Rio de Janeiro.

No meu primeiro mandato, conversando com o ex-Governador Marcello Alencar, em uma solenidade, eu disse, com muita clareza, que acreditava que nós tínhamos que tocar em certos pontos fundamentais para o Rio de Janeiro poder retomar um caminho de crescimento. Usava a expressão que sempre uso, que o Rio é o farol do Brasil. E nós definimos quais eram esses pontos.

Um era retomada da indústria metal-mecânica. Hoje, quem for a Porto Real, quem for a Resende, vai ver que essas palavras são realidade. São produtos que estão em marcha, porque nós trouxemos a indústria automobilística para o Rio de Janeiro e a indústria de caminhões.

Outro ponto que nos parecia muito importante era criar condições para que houvesse, no Rio de Janeiro, aquilo que é básico no mundo do futuro, que é uma grande concentração do que se chama indústria de informações. Fazer um teleporto e dar condições crescentes para que haja, aqui no Rio de Janeiro, no estado e na cidade, uma concentração dos produtores de *software*, daqueles que são capazes de levar adiante a indústria do conhecimento, que é o que aponta para o futuro. E nós estamos avançando nessa direção.

O outro era uma ênfase grande na questão do petróleo que está aí. E houve associação das indústrias que produzem, para a indústria petrolífera ter uma ação muito enérgica, juntamente com a Agência Nacional do Petróleo, para definir que o investimento do petróleo feito aqui implica também a expansão da produção local e de equipamentos para

a produção da indústria de petróleo. E essa indústria é sofisticada e requer, também, um grande avanço no setor de conhecimento. Indústria de conhecimento.

Demos um passo muito grande recentemente, que foi a criação de um fundo específico na área de petróleo, para financiar pesquisas. E esse fundo já aplicou 250 milhões de reais. Estendemos agora essa experiência que fizemos com a indústria do petróleo para todos os demais ramos onde houve privatização. E mesmo alguns sem privatização, nos quais haverá o pagamento de uma taxa para formação de grandes fundos para o desenvolvimento científico e tecnológico. E o Embaixador Ronaldo Sardenberg, Ministro da Ciência e Tecnologia, sabe que a partir do ano que vem, crescentemente, nós vamos dispor até um limite de cerca de 500 milhões de dólares por ano, adicionais à pesquisa em ciência e tecnologia, para que o Brasil possa avançar.

E nesse setor a Coppe aqui no Rio de Janeiro tem tomado uma parte considerável. Basta dizer que não só nesse tipo de fundo, mas também as bolsas do CNPq. Há mais de quatro mil bolsas no CNPq e na Coppe. Então existe uma concentração na indústria do saber no Rio de Janeiro. Nós estamos querendo que isso aconteça, para que o Rio possa seguir com a transformação.

Estamos concretizando. Ainda recentemente o Governador esteve inaugurando uma etapa de avanço num pólo de gás químico no Rio de Janeiro, que é outra área importante. Mas nós nunca nos esquecemos do porto de Itaguaí – como está aqui o Prefeito e me corrigiria se eu falasse em Sepetiba – que realmente vai provocar uma mudança muito grande na dinâmica, não apenas aqui desta região, mas do Brasil. O Ministro Padilha mencionou que nós estamos mudando a nossa matriz de transporte.

Assim como nós mudamos e estamos mudando a matriz energética cada vez mais, acrescentando fontes diferentes do petróleo, a nossa matriz, perdão, da hidroeletricidade, a nossa matriz energética aproveitando o gás. E agora também, com experiências lá no Nordeste de energia eólica, porque temos preocupação com as questões ambientais. Em cada uma das nossas decisões, sempre pesará a preocupação

ambiental. Pois bem, nós também estamos mudando a matriz dos transportes. E nessa mudança, já o disse o Ministro, o crescimento do transporte por cabotagem é muito grande. Não nos iludamos. Se quisermos continuar avançando no Brasil, avançando o Brasil na nossa região, do Mercosul, da América do Sul, nós temos que nos preparar para um avanço portuário significativo.

Por mais que tenhamos feito, como fizemos, modificações que hoje tornam competitivos os nossos portos, por mais que o porto do Rio de Janeiro e o porto de Santos sejam importantes, o porto do Rio Grande – o Ministro é lá do Sul e se eu não falar em Rio Grande, vai me criticar – temos o porto do Rio Grande, o porto de Paranaguá, o porto lá em cima, em Itaquí, enfim, o porto de Pecém, o porto de Suape, que nós estamos construindo. Vamos construir toda uma orla, um colar de portos, nós precisamos ter um grande *hub*, ou seja, um porto capaz de receber os navios que transportam enorme carga de *containers*. E, hoje, há poucos no mundo.

Eu estive em Rotterdam, agora, também, no mês de outubro. E vi o que aconteceu na Europa. Em Rotterdam, e isso também me deu alegria, 10% do que entra, sai do Brasil. E Rotterdam é um *hub*, ou seja, é um porto dos portos. Tem capacidade de receber navios de alta tonelagem. Mas existem dois ou três portos dessa natureza na Europa, um deles nos Estados Unidos, o Japão não tem nenhum, a Ásia tem dois. Nós aqui, na nossa região, não temos um sequer. Nós ainda temos que ser alimentados pelos portos, pelos *hubs* de Miami ou de onde seja, ou de Cingapura, que redistribui para cá – o nosso é de Miami. A África do Sul daqui a pouco vai ter um, pois está bem localizada para isso. E há um fator de preocupação positivo: que temos que competir. E nós temos que transformar o nosso porto de Itaguaí, nosso porto aqui em Sepetiba num *hub*, num porto capaz de, efetivamente, receber grandes *containers*.

Por que menciono isso? Para dizer que nós temos um programa para o Brasil, de mudança, de desenvolvimento, um projeto nacional. Mas nós também temos um programa para o Rio de Janeiro,

que está sendo implementado, que está sendo posto em prática. E o Rio está mudando efetivamente, com as medidas que com apoio do Governo Federal estão sendo tomadas, sempre em parceria com o governo estadual, com os governos municipais, mas com o nosso apoio, muitas vezes com a nossa ajuda decisiva. Nós estamos transformando a feição do Rio de Janeiro, que volta a ser um estado com capacidade de avançar olhando para o futuro. E não por acaso as taxas de desemprego no Rio de Janeiro são as menores do Brasil. E vão diminuir mais ainda.

Se nós temos esse propósito, se imaginamos que é preciso ter um porto adicional de grande capacidade, aqui ao nosso lado, é óbvio que nós temos mais e mais condições ainda de avançar com a indústria naval e fazer com que os nossos estaleiros funcionem, que os nossos armadores tenham a capacidade de utilizar os navios fabricados no Brasil, que as nossas grandes empresas, como a Petrobras, como a Vale do Rio Doce, como a CSN, como tantas outras, que venham a precisar de navios, possam encorajá-los aqui.

Há, portanto, muitas razões para que esta manhã tenha sido uma manhã, para mim, de grande alegria, porque eu posso ver aqui essas transformações. E aquilo que mais me alegra é ver que, a despeito de todas as diferenças postas entre nós, todos estamos unidos num grande propósito: de fazer com que o Brasil continue a ser um grande país, que melhore sempre, e que melhore para os seus filhos, para que possa dar mais emprego e mais renda, mas que não se faça isso na retórica, senão na luta prática, levando idéias para diante, não cedendo, quando não há que se ceder, mas tendo um rumo certo, que é o rumo de grandeza do nosso povo e do nosso país.

Parabéns a todos vocês, à Petrobras, aos Ministros que trabalharam nisso, ao BNDES, aos armadores, aos transportadores da Petrobras. Eu sei do trabalho extraordinário que foi feito, de mudança na Petrobras. Nossa companheiro de tantos anos que está aqui entre nós, mais uma vez, nos dando amostras do que é a capacidade de mudarmos, de avançarmos. Eu vejo a direção da Petrobras, como

vejo a direção dos ministérios, todos imbuídos nessa mesma idéia. E, portanto, eu vou para Brasília daqui a poucos instantes com o ânimo ainda mais forte, na crença no nosso Brasil.

Muito obrigado.